

EDUCAÇÃO E IDEOLOGIA

1634

MONOGRAFIA : apresentada como exigência  
para aprovação no Curso de Sistemática  
do Trabalho Individual e de Grupo.

EP-150

TÂNIA FRANZONI FERREIRA DA SILVA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA

UNICAMP - 1989

"O que significa despertar do sono dogmático se não questionar o óbvio, não considerando como natural o que até agora apareceu como tal."

Agnes Heller

## SUMÁRIO

|                                                                    |    |
|--------------------------------------------------------------------|----|
| 1. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES .....                                     | 1  |
| 1.1. A ESCOLA ENQUANTO REPRODUTORA                                 |    |
| 1.2. A EDUCAÇÃO ENQUANTO DISSIDENTE                                |    |
| 2. A GEOGRAFIA <del>A</del> SERVIÇO DA MISTIFICAÇÃO DO ESPAÇO .... | 10 |
| 2.1. O PAPEL DA GEOGRAFIA NO SISTEMA EDUCACIONAL<br>BRASILEIRO     |    |
| 2.2. A GEOGRAFIA A SER CONSTRUÍDA                                  |    |
| BIBLIOGRAFIA CONSULTADA .....                                      | 15 |
| BIBLIOGRAFIA GERAL .....                                           | 17 |
| NOTAS .....                                                        | 18 |

## IDEOLOGIA E EDUCAÇÃO

### 1. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES: A EDUCAÇÃO E O COMPROMETIMENTO IDEOLÓGICO

Tomar como problemática a relação entre ideologia e educação, nos leva a supor que ambas estão de alguma forma interligadas, ou melhor, devemos desde já entender que estão intimamente ligadas. Minha preocupação, ao tomar essa indagação como rumo de meu trabalho, se deu principalmente por entender que, para se chegar a uma transformação da estrutura educacional, que seja comprometida com uma sociedade mais justa, será necessário que se faça uma análise crítica do papel que a educação tem quanto ao processo de inculcação de idéias, conceitos e valores sobre o indivíduo, sociedade, realidade e mundo.

Pois bem, não seria de acordo com a afirmação acima, dar muito poder de influência à educação? Realmente seria cair no extremismo definir a escola como pura maquinação das classes dominantes, considerando que tem poder de manipular a cabeça de todos aqueles que passam pela instituição escolar e que, através disso, se teria total domínio sobre eles. Seria, também, fechar os olhos ao processo dialético próprio do movimento da história, seria não enxergar as contradições do próprio sistema e, até mesmo, justificar que o espaço e a sociedade são homogêneos e harmônicos e o Estado (representante da classe dominante) é "Deus" todo poderoso que tem o domínio sobre todas as instituições.

Porém, não dá para negar que mesmo com todas as contradições, como por exemplo, o domínio do conhecimento servindo para a emancipação social, o trabalho de educado-que fazem altas críticas ao sistema sócio-político-econômico, ou mesmo, que propõem uma transformação radical da so-

cidade, o Estado tem o controle sobre a educação, quando impõem um sistema educacional e centraliza as decisões em órgãos burocráticos, e na verdade tem a escola como um "Aparelho Ideológico", como bem define ALTHUSSER, consideradas como "instituições distintas e especializadas", e nessas condições deverão transmitir a ideologia dominante, atendendo <sup>aos</sup> ~~os~~ interesses e projetos políticos do momento.

Seria possível então, estabelecer uma separação entre a educação e o ideológico? Acredita-se que não, tanto conteúdo como, metodologia de ensino, prática didática, relação professor-aluno, a estrutura de poder dentro da escola, a política educacional, em suma a educação como um todo, se norteará conforme princípios, posições teóricas, determinadas prioridades e interesses, logo, a escola enquanto aspecto concreto será organizada segundo parâmetros ideológicos, que deverão ser entendidos como "um sistema intelectual particular e isolado de seu contexto sócio-histórico, mas o conjunto das linguagens políticas de uma sociedade, isto é o conjunto das posições teóricas que se organizam numa formação histórica concreta em dado momento de sua história e que esboçam a totalidade de possibilidades e sua finitude." (1) Dentro desse contexto, deve-se entender que a escola terá o papel de reprodutora da ideologia da classe dominante, inserida em um contexto histórico, mas entendo que o processo conflitual, "a luta de classes", próprio do processo dialético de organização da sociedade é uma permanente no movimento da história, ou seja, é a peça fundamental das mudanças, que contraditoriamente, a escola também reproduz, podendo, no momento que seus agentes se conscientizarem disso, ser utilizada como um instrumento de transformação da ordem já estabelecida.

### 1.1. A ESCOLA ENQUANTO REPRODUTORA

SCUL CAR

Entender o processo de incubação da ideologia da classe dominante, enquanto uma forma de reprodução e "perpetuação" da ordem social e econômica existente, é de fundamental importância quando consideramos "que a produção ideológica, a criação de justificativas e da racionalização participam da estruturação dos indivíduos, da mobilização das energias e do reforço dos elos sociais." (2) Ou, ainda, como afirma SOBRINHO, a ideologia transmite idéias que carregam valores associados a elas, que perduram e afetam as práticas sociais e, ainda, as lutas de classes, em diferentes momentos históricos.(3)

A escola assumirá o papel, mesmo que em parte o mo já limitamos anteriormente, de inculcadora de ideologias, trabalhando com um conhecimento comprometido com a classe dominante e também reproduzindo as relações sociais próprias do momento histórico vivido. A prova disso é que os alunos são considerados como meros receptores de conhecimento e ideologia (não se está aqui negando que esse "receptor" seja crítico, que selecione o que irá aceitar e descartar o que não lhe convém, mas está se analisando como a escola cumpre seu papel).

Os questionamentos do que está sendo transmitido e ensinado serão considerados como "desvios", que deverão ser corrigidos. O aluno ao indagar a validade de determinado conteúdo ou conceito será ignorado, sua opinião será encarada como imatura, definindo dessa forma o aluno como inexperiente e em transição, passando juntamente a ideologia que ele deve ser subordinado a quem tem mais experiência. "Parte de uma discriminação, baseada em um argumento biológico, e se realiza a preparação para a reprodução futura da mesma discriminação..."(4)

A ideologia na escola, tal qual os rituais servem

para renovar os mitos (rede de significados que explicam a ordem das coisas e da realidade) e também, para a "legitimação que designa os poderes e as subordinações, os direitos a preeminência e os deveres a obediência,..., o sistema mítico assegura..., a explicação do mundo das coisas e dos homens e a imposição forçada do sistema de hierarquia e poderes."(5)

A função da escola de ser transmissor do conhecimento ~~dit~~ científico será em grande parte substituída pela transmissão de um conhecimento "mítico", desvinculado da realidade e de qualquer cientificidade. Veja que isso é claro, pois o sistema mítico se torna suficiente para compreender a ordem social global, explicando a origem do status social privilegiado e os meios para se chegar a essa posição e a acumulação de capital.

Portanto, a escola irá explicar a realidade pelas aparências, ou como SOBRINHO diria, irá explicar os fenômenos a partir de determinados traços superficiais ou externos; é, enfim, uma estratégia usada pela ideologia para afastar a atenção dos outros possíveis conteúdos que pudessem estar ligados a esses fenômenos.(6)

Podemos, através disso, entender como é que os conteúdos das diferentes disciplinas escolares serão selecionados e qual a sua função para a formação do indivíduo e do entendimento da realidade. Se avaliarmos como as disciplinas estão estruturadas na escola, perceberemos que elas reproduzem um conhecimento fracionado, em que cada uma analisa parte da realidade. É negada a todo custo a interdisciplinariedade, que daria se fosse levada a sério, uma visão de totalidade da realidade e o complexo entrosamento dessas partes, o que possibilitaria uma análise crítica e fundamentada da realidade. Além disso, não seria de grande serventia para a classe dominante, pois estaria desvendando as máscaras que a ideologia tão bem coloca.

Outro aspecto importante ~~é~~ é que a escola difundi um conhecimento "inconsciente", que não domina a razão de sua função social, que negará seu envolvimento com a realidade, com os movimentos sociais, com a política e também ~~a~~ a vivência do educando, na realidade não se prega um conhecimento que seja consciente, que seja a antecipação do futuro, e que esteja comprometido com a vida e com a transformação do mundo. (6')

Encarando a escola como uma Aparelho Ideológico de Estado, ela irá transmitir uma série de valores que ~~de-~~ vem perpetuar o status quo da classe dominante. Define-se uma série de virtuosidades escolares, como a disciplina, o respeito, a generosidade, o silêncio que serão valores a serem preservados. Pode-se até chegar a conclusão que ~~o~~ o imobilismo social é reflexo, em grande parte, da assimilação das qualidades definidas como virtuosas pela sociedade, pois na verdade levam à submissão, à subordinação, ao não-questionamento e que, por consequência, leva ao conformismo e ao comodismo. } ?

Outros valores como a capacidade de atenção, a ~~ad~~ adaptabilidade, a obediência, a ordem, o estímulo ao trabalho, a laboriosidade, o individualismo, a competição serão conceitos necessários para se inserir o indivíduo no sistema de produção, onde ele aluno, futuro operário, já se tornou ser alienado de sua integralidade e do domínio sobre si e livre de um comprometimento com a consciência de classe.

O professor terá um papel fundamental e deverá assimilar "o conceito de educação tão bem defendido por DURKHEIM (1926), em que esta "deve ser exercida pelas gerações adultas, sobre as gerações que ainda não se encontram preparadas para a vida social" (7) Deverá tomar para si a idéia que a verdade parte dele e que ele é o agente integrador enquanto que o aluno é mero receptáculo de conhecimento, e que ainda não pode ter uma consciência reflexiva (única coi-



sa que humaniza o ser humano), principalmente porque o professor transmite o produto do que é pensado harmonicamente pela sociedade, ou seja, "as idéias constituem a base do espírito nacional e que deve se fixar na consciência do educando." (8) Nessas condições, a educação "é transformada em fetiche, a ela são atribuídos poderes que habitualmente são dados ao homem." (9) Um exemplo disso é que os produtos do trabalho do professor, o conteúdo, acaba por controlar o seu produtor. O professor adotará o autoritarismo como a forma de instituir a ordem e o respeito, a garantir o aprendizado do que é ensinado. Além disso, "o mestre não será um ser comum, um ser como os demais, mas aquele profissional que é capaz de suportar as privações econômicas em proveito do si fim superior a que está dirigida sua tarefa, a educação da juventude." (10) Esse conceito sobre a identidade do professor deve ser entendida como um processo de alienação pelo status (standing), como bem analisa MERANI, onde o professor assimila a idéia que sua função, como intelectual, é de reputação, de influência e de grande poder de abrangência, não tendo na verdade, nenhum poder, pois sua consciência não vai além de sua subordinação, perdendo por completo a sua identidade de classe e a consciência do seu papel no sistema educacional.

Cabe ainda analisar a estrutura administrativa e burocrática da escola, onde cada elemento desempenhará diferentes papéis, reproduzindo a divisão do trabalho no sistema de produção. Papel de destaque terá os responsáveis pela administração, que serão meros instrumentos dos diversos níveis da hierarquia institucional, encarregados de transmitir ordens superiores, quase sempre sem um crivo crítico. Um exemplo disso foi o fato ocorrido na última greve (abril a maio) na rede estadual de ensino, em que após 70 dias de greve o governo do estado baixou medidas administrativas que foram de cunho repressivo (camufladas de um tom de legi-

lidade) em que o destaque para persuadir o fim da greve foi dado a delegados de ensino e diretores, que repassaram as determinações oficiais com tom de punição, não dando espaço para que o conjunto dos professores avaliassem criticamente as medidas decretadas.

O que se conclui é que a escola está praticamente toda estruturada para reproduzir o sistema tal como ele está estruturado.

Percebe-se que esta estrutura de ensino poderá influenciar diretamente <sup>o</sup> ~~o~~ indivíduo, já que foi organizada para isso, chegando até a definir papéis que este deverá exercer na sociedade e no trabalho. Além disso, será uma das responsáveis pelo imobilismo das organizações populares e da falta de uma consciência de classe.

## 1.2. A EDUCAÇÃO ENQUANTO DISSIDENTE

Apesar de institucionalizada, é possível uma educação crítica, questionadora, que se projeta como um instrumento de transformação, que tenta levar a educação como forma de se atingir a emancipação social.

Isso não é só ideal, como realmente possível, pois se um Aparelho Ideológico de Estado pode reproduzir uma ideologia comprometida com os interesses da classe dominante e definir assim os rumos da sociedade, poderá também, mesmo que em pequenos grupos isolados, trabalhar uma educação libertadora, que leve a uma consciência crítica e nos livre do jugo da dominação.

Pode-se encontrar dentro do sistema educacional de ensino, hoje, ação de educadores comprometidos com um trabalho de leitura crítica da realidade e <sup>com o</sup> desenvolvimento da consciência crítica do educando.

Para que a educação passe realmente a desempenhar esse papel, será necessário que se desenvolva/concomitantemente, um método revolucionário e a seleção de conteúdos que possibilitem "desenvolver uma interpretação adequada de mundo antes de ... modificá-lo...quando um trabalhador compreende que na produção capitalista ele é degradado a condição de mero objeto, deixa de ser uma objeto e se torna um sujeito"(11) Deve-se buscar, portanto, a consciência ~~que~~ <sup>que</sup> é o motor da revolução, ou melhor, significa "o conjunto do mundo pensado pelo sujeito, enquanto esse sujeito o transforma pela ação e o interpreta como produto de circunstâncias que modifica ou acredita poder transformar."(12)

A educação dissidente deverá se propor a aceitar as transformações e assumi-las enquanto plano de luta, e o educador deverá superar seus preconceitos <sup>c</sup>cedendo espaço ao pensamento renovado, aberto para o desenvolvimento da criatividade e procurar sempre inovações concretas e possíveis

de se realizar.

A luta começa pela crítica do sistema que está aí, passando para a reflexão dos meios possíveis de transformação e a efetivação de ações que levem a mudanças que já pos sam ser alcançadas.

## 2. A GEOGRAFIA À SERVIÇO DA MISTIFICAÇÃO DO ESPAÇO

### 2.1. O PAPEL DA GEOGRAFIA NO SISTEMA EDUCACIONAL BRASILEIRO

A geografia, em toda sua história, sempre esteve em evidência, como aquela que serve diretamente ao poder. Veja alguns exemplos.

Quando assumiu o determinismo geográfico, como linha metodológica a ser seguida, serviu para justificar as desigualdades de desenvolvimento material dos países mais pobres, nessa linha alguns geógrafos defendiam que as condições naturais seriam as responsáveis pelo não desenvolvimento de determinados espaços (países ou continentes). Afirmações como as que se seguem comprovam isso... "a pobreza do nordeste brasileiro se dá, porque a maior parte do território desta região é constituído por terrenos áridos e por um clima muito seco"... "os países de clima frio, tendo melhores condições climáticas puderam melhor se desenvolver."

Da mesma forma, a geografia contribuiu para justificar a acumulação de riquezas materiais, utilizando-se da teoria da seleção natural de Darwin, adaptada com o nome de Darwinismo Social, que defendia a tese <sup>de</sup> que o sucesso nos negócios de alguns indivíduos ou a grande acumulação de capital e o enriquecimento material estaria reservado aos mais capazes, ou seja, aos capitalistas.

Os estudos realizados sobre etnias, elaborados em grande parte por geógrafos, foram feitos para garantir a exploração de um indivíduo sobre o outro, definindo alguns indivíduos como superiores e outros inferiores, onde caberia aos primeiros organizar a sociedade dos selvagens (raças inferiores) e possibilitaria a exploração de suas terras e o seu trabalho. Isso foi muito usado para desculpar o colonialismo europeu.

A geografia escolar assumirá em diversos momentos o papel de incubadora dessas ideologias, justificando de forma geral o status quo da classe dominante.

Analisa-se abaixo, as nuances que a geografia escolar tomou diante de alguns princípios da ideologia liberal.

1. Exalta o passado      assum<sup>e</sup> a difusão dos projetos desenvolvimentistas promovidos em diferentes locais (Ex. a Transamazônica)
2. Riqueza das tradições      se preocupa em exaltar aspectos do tradicionalismo e costumes regionais (Ex. o gaúcho e suas vestimentas)
3. Presente superior      a paisagem e a realidade é apenas descrita, nunca criticada, será sempre harmônica
4. Usa de esquemas evolucionistas      justifica que as sociedades com melhores condições materiais será devido a sua superioridade
5. Desenvolvimento e Subdesenvolvimento      exalta os países desenvolvidos, definindo-os como os modelos a serem seguidos e respeitados, defende a idéia que os países subdesenvolvidos devem se subordinar às decisões dos países desenvolvidos (ex. a saída para a pobreza é o investimento internacional, o capital estrangeiro)
6. Ideologia do progresso      seguindo o raciocínio do item acima, a política desenvolvimentista foi amplamente defendida pela geografia como a saída para a pobreza

7. Reformismo/exalta a re centra-se no conceito de pátria, conciliação um conjunto harmônico que se con funde com as regiões naturais, e não um espaço de atuação do ser humano, enquanto organização social, econômica e política.

A geografia quantitativa, que será difundida principalmente na década de 70, irá delinear a geografia es colar com parâmetros bastante alienantes. Aquela geografia, que é ainda hoje encontrada na maioria dos livros didáticos, (13) ela se caracterizará por <sup>ex</sup>clusivamente descritiva, dando muita ênfase a classificações, nomes e números. Os campos de conhecimentos a serem estudados serão a geografia física enquanto natureza estática, mera paisagem, a economia preocupada apenas como sinônimo de quanto e onde se produziu e a apresentação de algumas sociedades que deram certo. Será completamente descartado o questionamento da realidade, será negado que o espaço é apropriado segundo interesses, não se assumirá os movimentos sociais enquanto uma das instâncias da organização do espaço. O discurso político, a instância do poder e do ideológico, não serão aceitos com geográficos nessa concepção.

A função dessa geografia será camuflar a realidade quanto a sua dinâmica, suas <sup>as</sup> contradições e seu caráter globalizante. Cabe, portanto, desmascará-la e assumir a discussão de uma geografia que atenda os interesses da transformação da ordem social existente, fazendo uma análise crítica, resgatando o máximo de conteúdo dessa realidade, para que se possa conhecer integralmente o espaço que se irá atuar.

## 2.2. A GEOGRAFIA A SER CONSTRUÍDA

É importante contextualizar o último período histórico da geografia escolar, antes de projetar a geografia que se pretende.

O aumento do número de escolas, o processo de massificação, atendeu a demanda da produção que estava necessitando um contingente maior de indivíduos com um mínimo de qualificação, como as operações básicas de matemática e o domínio da escrita e da fala, para que se tivessem cuidados maiores no uso das máquinas, mas principalmente para atender o setor terciário, comércio e serviços, que exigira<sup>o</sup> conhecimento da estrutura burocrática e habilidade no trato com as pessoas. Isso ocorrerá no Brasil na década de 70, concomitantemente com a aceleração do processo de concentração de unbana e crescimento da industrialização. Perceba que as matérias mais desvalorizadas nessa época, foram as disciplinas de ciências sociais (com excessão de EMC e OSPB que foram instituídas com fins ideologizantes de nacionalismo, abstraída a vivência social da nação), pois eram disciplinas que trabalhavam a realidade social e a consciência crítica, o que no momento não era interessante, pois, questionava<sup>M</sup> o desenvolvimentismo que não era nada mais que o processo de concentração do capital e internacionalização da economia, intensificando a exploração do trabalho, aumentando as desigualdades sociais, somando contingentes maiores a pauperização do povo brasileiro, sendo desviados recursos financeiros para a infra-estrutura (econômica) da produção ao invés de investimentos em fins sociais. Portanto, o conhecimento da organização do espaço nacional e internacional, da formação histórica do Brasil, das lutas de resistência e de organização popular, foram esquecidas pela educação bancária.

A primeira tarefa será resgatar o que foi esquecido pelo regime militar e assumir um caráter revolucionário.



Pois bem, a geografia a ser construída ~~de~~<sup>verá</sup> assumir a luta contra a injustiça, contra a exploração e contra a opressão. Deverá dar importância aos períodos de conflito, e assumí-los como parte do processo de transformação. Deverá ler criticamente a realidade, o mundo, o espaço, sendo o conhecimento condição primordial para organizar as ações e atuar no mundo que desejamos transformar.

# BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ANSART, Pierre. Ideologia, Conflito e Poder. Trad. de George Balandier. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978.
- BAIKOVA, V. Educação de Massas - Sistemas e Métodos. Trad. Gina de Freitas. Malho Editorial, 1978.
- BRABANT, Jean Michel. "Crise da Geografia, Crise da Escola". Para onde vai o ensino da geografia? org. <sup>PTA</sup> Ariovaldo Umbelino de Oliveira. São Paulo, Contexto, 1989, p.15-24.
- CARNOY, Martin. Educação, Economia e Estado. São Paulo, Cortez Editora, 1984.
- CHAUÍ, Marielena. O Que é Ideologia. São Paulo, Editora Brasiliense, 1988.
- CODO, Wanderlei. O Que é Alienação. (5ª ed.) São Paulo, Editora Brasiliense, 1985.
- CUNHA, Luiz Antonio. Educação e Desenvolvimento Social no Brasil. (6ª ed.) Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1980.
- GONÇALVES, Carlos Walter P. "Reflexões sobre Geografia e Educação." in Terra Livre, nº 2, 1987, p. 9-42.
- GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. CEMP. Proposta Curricular para o Ensino de Geografia no 1º Grau. (3ª ed.) São Paulo, 1987.
- KONDER, Leandro. O Que é Dialética. (13ª ed.) São Paulo Editora Brasiliense, 1985.
- KROPOTKIN, Piotr. "O que a geografia deve ser." in Seleção de Textos. Org. <sup>PTA</sup> Willian Vesentini. São Paulo, AGB, 1986, nº 13.
- LACOSTE, Yves. A Geografia - Isso Serve, em Primeiro Lugar Para Fazer a Guerra. Campinas, Papirus, 1988.
- OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. "A Geografia no Ensino Superior; Situação e Tendências." in Orientação, São Paulo, USP, nº 5, 1984, p.29-32.
- REICH, Wihelm. O Que é Consciência de Classe? Trad. Dag-

- mas Zibas. Porto, Edição H. A. Carneiro, 1976.
- RODRIGUES, Neidson. Da Mistificação da Escola à Escola Necessária. (3ª ed.) São Paulo, Cortez Editora, 1989.
- SOBRINHO, Encarnacion. Ideologia e Educação - Reflexões Teóricas e Propostas Metodológicas. Trad. Roland Lazarte. São Paulo, Cortez Editora, 1986.
- VESENTINE, José Willian. "A Unidade (Divisão) da Geografia e o Sentido da Prática." in Terra Livre, nº 2, 1987, p. 91-114.
- 
- \_\_\_\_\_. "Ensino da Geografia e Luta de Classes." in Orientação, nº 5, 1984, p. 33-36.
- VLACH, Vânia R. F. "Fragmentos para uma Discussão: Métodos e Conteúdos do Ensino da Geografia." in Terra Livre, São Paulo, nº 2, 1987, p. 43-58.

# BIBLIOGRAFIA GERAL

- ALTHUSSER, L. "La Filosofía como Arma de la Revolución." Cuadernos de Pasado y Presente. Córdoba, 1970.
- BARTLES, R. Mytologies. Paris, Seuil, 1957.
- BOURDIEU, P. & PASSERON, J.C. La Reproducion. Paris, Minuit, 1970.
- CENTRE FOR CONTEMPORARY CULTURAL STUDIES. Da Ideologia. Trad. Rita Lima. (2ª ed.) Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1983.
- CHAUÍ, M. S. & FRANCO, M. S. Ideologia e Mobilização Popular. Rio de Janeiro, Paz e Terra e CEDEC, 1978.
- D'ÁVILA, J. L. P. A Crítica a Escola Capitalista. Petrópolis, Vozes, 1985.
- FOUCAULT, M. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro, Editora Graal, 1979.
- JAKUBOWSKY, F. Las Superestructuras Ideológicas en La Concepcion Materialista de La História. Trad. Luís Pérez Lara. Madrid, Alberto Corazon Editor, 1973.
- LAPASSADE. L'auto gestion pedagogique. Paris, Gauthier-Villars, 1970.
- LUCKACS, G. Historie et Conscience de Classe - Essais de Dialletique Marxiste. Paris, Minuit, 1960.
- OLLMAN, Bertel. Alienation: Marx's Conception of Man in Capitalist Society. Cambridge, University Press, 1971.
- SARUP, M. Marxismo e Educação. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1983.
- SEVERINO, A. J. Educação, Ideologia e Contra Ideologia. São Paulo, EPU, 1986.
- VASCONI, T. A. Cultura, Ideologia, Dependência y Alienación. in Revista Mexicana de Sociologia. ano 30, vol. 30, nº4, 1968.

NOTAS

- (1) Pierre Ansart. Ideologia, Conflito e Poder ( Rio de Janeiro; Zahar Editores; 1978 ) p. 17.
- (2) id. ibid., p. 17.
- (3) Encarnacion Sobrinõ. Ideologia e Educação ( São Paulo; Cortez Editora; 1986 )
- (4) id. ibid., p. 114.
- (5) id. ibid., (1), p.27.
- (6) id. ibid., (3), p. 124.
- (6') Alberto Merani. Psicologia e Alienação. ( 2ª ed.; Rio de Janeiro; Paz e Terra; 1977 )
- (7) id. ibid., (3), p. 28.
- (8) id. ibid., (3), p. 54.
- (9) M. Sarup. Marxismo e Educação ( Rio de Janeiro; Zahar Editores; 1983) p. 125.
- (10) id. ibid., (3), p. 142.
- (11) id. ibid., (9), p. 115.
- (12) id. ibid., (6), p. 77.
- (13) Autores como Celso Antunes, Zoraide Victorelli e o mesmo acontece com os manuais de cursinho.